

Fundação Joaquim Nabuco
Biblioteca Central Blanche Knopf
DIVISÃO DE ASSISTÊNCIA AO USUÁRIO
Rua Dois Irrêdes, 92 - Apipuccos
50.000 - Recife - PE

CDU 39 (81) "20"

O CARÁTER NACIONAL BRASILEIRO NO SÉCULO VINTE

Gilberto Freyre

O caráter nacional de determinado povo apresenta-se de forma diferente aos que o observam de fora e aos que o vêem de dentro. Devido às freqüentes ausências do autor do Brasil, e às suas freqüentes incursões em várias outras culturas, a visão agora oferecida do caráter brasileiro acrescenta as perspectivas de quem o olha de fora às de alguém que, de dentro, há muito vem observando a identidade brasileira. Outros já têm analisado o caráter brasileiro. Conforme o componente regional a que deram maior importância — por exemplo: se tomaram esta ou aquela população do litoral ou do interior do país como fundamento — consideraram o brasileiro, uns como essencialmente dionisíaco, outros apolíneo.

James Bryce, talvez o mais arguto dos observadores estrangeiros que se fixaram no assunto, focou em especial a cultura do brasileiro do litoral. Mas generalizou segundo este ponto de vista ao qual muito se assemelha o meu, o cerne do caráter brasileiro — considerado de modo geral — compõe-se de volição espiritual, de gosto pela aventura e pela visão poética das coisas, inserido num importante segmento da sua ascendência portuguesa. No entanto, este legado do Velho Mundo foi submetido a expansão, diferenciação e transmutação criadoras no decurso de uma síntese criadora com os elementos do Novo Mundo. Desde muito cedo, os brasileiros tenderam a harmonizar o idealismo como resposta à realidade, a independência política com as formas políticas tradicionais. Em todos os setores da vida brasileira manifesta-se esta mesma polaridade: na música, na arquitetura, e até mesmo na sua cozinha e no seu futebol. Todos os motivos levam

a acreditar que este processo de síntese criadora entre o antigo e o moderno continuará a desenvolver-se enquanto o Brasil caminha ao encontro do futuro.

Os sociólogos não concordam quanto à natureza do que seja "caráter nacional" — de qualquer povo — nem quanto aos métodos de identificá-lo. Ruth Benedict sugeriu um dia que seria possível conseguir essa identificação procurando os valores fundamentais mais persistentes de uma sociedade nacional e descrevendo um tipo também nacional em função desses valores. Outros sociólogos visualizam o caráter nacional de um povo como sendo uma como "personalidade de um só indivíduo". Em ambos os casos, trata-se da perspectiva de um observador olhando de fora para um determinado grupo humano que não é o seu.

Nos casos em que a observação se processa de dentro e não de fora, Robert Redfield entende que o "caráter nacional" é visto como um "panorama"; e que, neste caso, o observador "atenta especialmente na forma como o homem de uma determinada sociedade se vê a si próprio em relação a todos os outros", e ainda "à forma como se apresenta o mundo a essas pessoas que pretendem vê-lo".

O autor deste artigo, como brasileiro e como sociólogo, desde há anos que se preocupa com o "caráter nacional" do seu próprio povo. E tendo estado ausente do Brasil considerável número de anos, a sua atitude talvez combine a do observador externo com a do interno, sendo este o predominante.

Esse predomínio do interno sobre o externo é simultaneamente vantagem e desvantagem. Atentar em especial à maneira como o homem em determinada sociedade se vê a si próprio em relação a todos os outros, implica uma atitude que será difícil atribuir aos observadores externos, a não ser a algum excepcionalmente dotado de ênfase e intuição. Além disso, para dentro de um complexo nacional se ver um observador a si próprio em relação a todos os outros, até mesmo um observador interno tem de ser tão empático como objetivo.

Não sou, por certo, o único brasileiro interessado no assunto. Outros brasileiros já tentaram interpretar e analisar o "caráter nacional" dos seus compatriotas em termos mais ou menos científicos — quase-sociológicos ou quase-psicológicos. Um deles, Euclides da Cunha, chegou a conclusões favoráveis aos brasileiros do interior — uma população arcaica na sua cultura, por ela preservada desde os primeiros tempos coloniais, vigorosa na sua saúde física — e desfavoráveis aos brasileiros mais civilizados e mais modernizados, do vasto litoral atlântico. Temos que concluir que, para se falar de um caráter nacional brasileiro tem de tomar-se em consideração duas expressões distintas, tanto de cultura como de *ethos*. Com efeito, o caráter nacional dos brasileiros tem de considerar-se complexo, e não simples ou singular. Acontece, mesmo, que em certas regiões do seu vasto país, os brasileiros parecem ser dionisíacos; e em outras regiões, apolíneos. Podem ainda apontar-se outras diferenças.

Euclides da Cunha foi talvez demasiado severo para com os brasileiros do litoral e talvez demasiado retórico para com os brasileiros do interior. Porque a verdade é que ao longo de toda a costa do Brasil se construiu, através dos séculos, aquilo que no tempo de Euclides da Cunha (fins do século XIX e princípios do século XX) era já considerado por alguns observadores estrangeiros auto-

rizados uma moderna civilização nos trópicos, estável e positiva, embora muito deficiente em alguns dos seus aspectos. Um dos observadores dessa época foi o referido James Bryce.

Bryce encontrou uma civilização e um povo, ambos fundamentalmente portugueses, mas em algumas regiões do país consideravelmente influenciados pela cultura e pelo sangue dos ameríndios e dos negros, que os europeus não deviam menosprezar. Tratava-se de um povo cuja tarefa tinha sido, e era, espantosa. O Brasil representava um espaço vastíssimo com centros dispersos, de população que tinham de ser interligados pela extensão dos meios de comunicação e pela manutenção do crédito público para que os lucros pudessem ser aplicados a objetivos úteis, como a educação das populações negras e ameríndias.

Mereceria o povo brasileiro o vasto território do Brasil? Qual viria a ser o futuro dos brasileiros e do Brasil? Eis duas perguntas que Bryce fez a si próprio logo nos alvares do século XX. E deu-lhes respostas parciais de acordo com aquilo que então interpretou como sendo o carácter nacional dos brasileiros.

Segundo esta interpretação, os brasileiros, sendo fundamentalmente — mas não exclusivamente — um povo de etnia e cultura portuguesas, tinham retido algumas das características dos portugueses: espiritualidade, amor da aventura, visão poética. Especificamente, Bryce escreveu a respeito dos brasileiros, tal como os viu há mais de meio século: "Têm uma rápida suscetibilidade às idéias, como a dos franceses e a dos russos, mas não deram, por enquanto, qualquer grande contribuição à ciência, tanto no campo da investigação física, como nos da economia, da filologia ou da história".

O famoso cientista, político e historiador britânico, escreveu, por exemplo, referindo-se ao Brasil que conheceu nos primeiros anos do nosso século: "Os brasileiros não me impressionaram como um povo novo, gente nova, um povo jovem". Assim, é fácil de compreender que um viajante estadunidense no Brasil tenha dito, segundo Bryce: "Como os homens do Mississipi teriam feito aqui as coisas! O que teriam feito. . . ao longo do Amazonas e do Panamá!" Queria o norte-americano dizer que nas mãos dos anglo americanos, em poucos anos, os barcos a vapor teriam percorrido nos dois sentidos os rios do Brasil, as estradas de ferro teriam transposto todos os recantos das suas florestas, e este vasto domínio teria, quase inevitavelmente, sido alargado à custa de vizinhos mais fracos, até ter atingido o sopé dos Andes.

Bryce tinha dúvidas de que "semelhante esforço" no Brasil fosse realmente do "interesse do mundo". E escreveu: "Deverão os territórios agora virgens desenvolver-se demasiado depressa? Não teria sido melhor para os Estados Unidos que o seu crescimento tivesse sido mais lento?" Estas perguntas parecem implicar, da parte de Bryce, uma simpatia compreensiva do que era, no carácter nacional-brasileiro que ele conheceu há mais de meio século, uma inclinação para fazer as coisas em ritmo lento, em contraste com o intenso dinamismo dos *yankees* nos Estados Unidos.

No seu conjunto, o carácter nacional-brasileiro parece a alguns de nós permanecer, neste ponto, condicionado a um sentido de tempo que é caracterizadamente ibérico e, como tal, pré-industrial — pré-cronométrico até — ao passo que o dos americanos dos Estados Unidos é tipicamente industrial, cronométrico,

“moderno”. Apesar disto, o ritmo de crescimento em algumas áreas do Brasil — São Paulo, por exemplo — tornou-se já muito semelhante ao *yankee*: e foi muito *yankee* a forma como recentemente se construiu Brasília. Será que se trata de significativos afastamentos daquele traço fundamental do caráter nacional-brasileiro, que é a inclinação dos brasileiros para não se apressarem e para fazerem as coisas em ritmo lento? Deverão fenômenos, como o do rápido crescimento de São Paulo e a construção de Brasília em quatro anos, considerar-se como antecipação do que irá acontecer em poucos anos à nação brasileira? As respostas a estas perguntas não são fáceis.

O caráter nacional-brasileiro não deve ser considerado, neste como em outros pontos, tão estático que permaneça inteiramente igual ao que era há um século e meio, há um século ou há meio século. Vem-se modificando. Está-se modificando. No entanto, essas modificações não foram, nem deve esperar-se que sejam, radicais num povo que, embora americano, não deu a Bryce — nem vem dando a outros observadores estrangeiros impressão de ser “novo”, mas sim de haver atingido já uma certa maturidade. Brasília pode estar sendo um “test” da atitude para brasileiros. Eles estão se apercebendo de que estes empreendimentos são demasiado rápidos e demasiado novos para o Brasil. Na sua maioria, os brasileiros entusiasmaram-se com Brasília e — isto é, com a arquitetura de Brasília; mas não são poucos os que criticam tanto a pressa com a qual Brasília foi construída, como o sacrifício que essa construção exigiu de sérias e urgentes necessidades do país no campo da saúde e da educação nas áreas subdesenvolvidas. Criticam alguns a própria “novidade” da sua arquitetura — uma “novidade” considerada por eles um tanto exótica e não verdadeiramente brasileira. Novidade importada.

Embora sendo um povo americano, os brasileiros parecem, por alguns aspectos do seu caráter, da sua conduta, inclinados a combinar o moderno com a tradição. Daí o especial orgulho de muitos brasileiros pelo fato de o Brasil ter sido durante algum tempo uma monarquia: a única monarquia do continente americano. Muito provavelmente, isto contribuiu em grande parte para aquilo que Bryce considerava, nos brasileiros, a ausência de características distintivas de um povo *jovem*. O fato é que, ao tornarem-se politicamente independentes, os brasileiros nunca se separaram das suas origens européias da forma radical por que os espanhóis da América se separaram da Espanha. Trata-se de uma característica do seu caráter nacional que se mantém significativa e válida: os brasileiros não são naturalmente radicais na sua forma de romper com o passado, muito embora esse rompimento tenha acontecido e venha acontecendo e se demonstre naquilo que se tornou brasileiro, original, próprio na cultura brasileira. A sua cozinha nacional, por exemplo, é sociologicamente interessante como expressão do caráter nacional-brasileiro, pois é uma cozinha que, embora portuguesa nos seus elementos básicos tradicionais, assimilou, de forma experimental, contribuições orientais, ameríndias e africanas, e está agora assimilando elementos italianos, alemães e japoneses, de tal forma que é já uma das mais complexas realizações culturais, em qualquer lugar e em qualquer campo. Nela se encontra a expansão de um poder inventivo brasileiro de forma muito viva. Esta cozinha não é mera compilação: é uma síntese criadora do antigo e do moderno, expressiva de uma terceira dimensão.

O que aconteceu com a cozinha, aconteceu e está acontecendo com outras realizações culturais em que podem identificar-se expressões do caráter nacional-brasileiro: na música, na arquitetura, na pintura, na religião, na literatura e, até, em formas políticas de organização ou de governo.

Os críticos estrangeiros são por vezes demasiado severos ao observarem os acontecimentos políticos no Brasil contemporâneo: sobretudo quando estes parecem não corresponder aos seus ideais ou idéias de democracia ou de qualquer outra estrutura sócio-política. Esses críticos demonstram não compreender a tendência do caráter nacional-brasileiro, que, neste século, se tornou mais acentuada do que nos anteriores: a tendência para mais vastas combinações do velho e do novo, do antigo e do moderno, de tradição e modernidade, de brasilirismo e de uma escala de valores contemporâneos em que haja soluções especificamente brasileiras para circunstâncias, necessidades e problemas brasileiros. Em geral, reconhece-se que o caráter nacional-brasileiro se inclina para as soluções democráticas, não somente em questões sociais e raciais, mas também em questões políticas. A história do estado nacional-brasileiro — monarquia e república — parece confirmar esta interpretação.

Assim sendo, o observador estrangeiro poderá perguntar qual o motivo por que os brasileiros parecem agora reestruturar o seu sistema político por forma em que se diria que uma tendência autoritária se sobrepõe às tendências convencionalmente demo-liberais. Pergunta análoga poderia fazer-se no que respeita à França. Poderá considerar-se a modificação que está acontecendo na França como indicativa de qualquer modificação no caráter nacional-francês? Ou será o caráter nacional-francês mais complexo do que indica a simples permanência, por mais de um século, do regime parlamentar na França? A complexidade, que parece ser uma realidade fundamental quanto ao caráter nacional-francês, é também uma realidade quanto ao caráter nacional-brasileiro.

Nas suas atividades culturais mais significativas, os brasileiros vêm demonstrando, desde os seus primeiros dias nacionais, a tendência que os leva a harmonizarem com a realidade o seu idealismo, e, até, o seu aventureiro romantismo. A realização da sua independência política, com a preservação não apenas da forma monárquica de governo mas, ainda, de uma dinastia europeia, é tão expressiva como exemplo dessa tendência, que pode considerar-se um traço do seu caráter nacional. Trata-se de uma tendência presente na vida nacional-brasileira ao longo de mais de um século e meio.

O movimento revolucionário de 1964 colocou dramaticamente em foco este traço do caráter nacional-brasileiro. Neste movimento se exprime o que alguns líderes brasileiros tentam reestruturar no Brasil agindo segundo o que consideram ser em harmonia com o seu caráter nacional. Inclusive adaptar o seu idealismo político-democrático à realidade dos dias atuais ou às circunstâncias presentes — a realidade de um mundo que não está exatamente em paz. Sendo estas as circunstâncias, não são poucos os brasileiros que têm o suficiente sentido da realidade para pensarem que o seu país é demasiado vasto, física e socialmente, para ser deixado inteiramente livre ao jogo das competições partidárias, no setor político e de outros grupos rivais — econômicos, regionais, etc.

No entanto, este movimento revolucionário está se desenvolvendo de uma forma suavemente brasileira, como se desenvolveram as revoluções da independência, do abolicionismo e da república as quais acabaram realizando o que era essencial aos seus objetivos. Neste como em outros aspectos, o caráter nacional-brasileiro no século XX mantém-se essencialmente o mesmo do século XIX, embora adaptando realisticamente, agora como então, a novas circunstâncias nacionais e internacionais, tecnológicas e políticas, econômicas, sociais e religiosas.

Será o Brasil — com o seu atual problema de desenvolver uma organização política original que lhe seja própria — uma “civilização”, uma “civilização nacional” com um “caráter nacional”? Alguns de nós pensamos que não é apenas uma “civilização nacional”, mas civilização nacional cada vez mais original nos seus traços. Se conseguir transformar-se num estado que não seja nem a cópia do modelo dos Estados Unidos, nem do padrão britânico, mas que represente um Estado nacional de estilo brasileiro, como a sua música, a sua arquitetura, a sua cozinha e o seu futebol, então a civilização nacional-brasileira terá dado nova prova da sua originalidade ou criatividade.

Só agora, em meados do século XX, os brasileiros estão a tornar-se plenamente conscientes da originalidade da sua civilização e de seu caráter. Estão tomando consciência da sua singularidade e tornando-se suficientemente arrojados para se apresentarem perante o mundo como um povo que, na sua música, na sua arquitetura, na sua cozinha, na sua forma de jogar o futebol, é diferente dos povos mais maduros e mais clássicos, de civilizações mais apolíneas.

Uma vez que isto está acontecendo no Brasil, chegou a hora de uma nova Lowie ou um Mead ou um Claude Lévi-Strauss, isto é, de um novo cientista social de alta e esclarecida inteligência, observar os brasileiros dos nossos dias, a sua “civilização nacional” e o seu “caráter nacional”. Como Redfield sugeriu um dia, esse estudo deve ser realizado tendo por ponto de partida a estrutura *societal*, por quem a observe de fora sob o aspecto do sistema nacional. Os observadores estrangeiros que escreveram sobre o Brasil nos últimos anos, apenas arranharam à superfície, embora se encontrem boas observações impressionistas em autores mais ou menos recentes como o americano Roy Nash, o alemão Konrad Guenther, o francês Roger Bastide e o italiano Tullio Ascarelli.

Quando Aldous Huxley esteve no Brasil, conversou comigo acerca do país que visitava pela primeira vez. Ficou desiludido com Brasília, que considerou particularmente “improvável” e “improfetizável”. E parecia incluir o caráter nacional-brasileiro nesta generalização. Uma observação de Huxley foi a de que alguns brasileiros estão convencidos de que “Deus é brasileiro”. Disto, via consequências no Brasil no fato de muitas pessoas desdenharem do esforço sistemático e da ação metódica, da ciência e do planejamento, que condicione bem-estar nacional. Incidentalmente, a sua opinião concordava em alguns pontos com a do seu compatriota James Bryce que, meio século antes, salientara que os brasileiros, embora notados pelas suas inclinações políticas e literárias, prestavam pouca atenção à ciência e até à história e aos estudos históricos.

Embora não tanto como nos tempos de Bryce, brasileiros dos nossos dias podem ainda ser fracos em física ou em ciências naturais. Alguns deles, mesmo sendo católicos, poderão ainda continuar acreditando na astrologia, no espiritismo-

mo e na feitura. Mas a verdade é que planejamentos vários estão sendo empreendidos por alguns dos líderes brasileiros de hoje no que respeita às finanças nacionais e às atividades econômicas nacionais e regionais, provavelmente em maior escala que por quaisquer líderes nacionais sul-americanos. Os brasileiros vão aceitar o fato, se não com entusiasmo, pelo menos com desportividade. O fato parece indicar que, sob este aspecto, o caráter nacional-brasileiro está se modificando, embora não tanto que o brasileiro se esteja tornando adepto absoluto de planejamentos para a sua economia ou indiscriminadamente receptivo a outros planejamentos da vida nacional. O Brasil permanece essencialmente plástico, flexível, e, apesar da utilização do planejamento econômico por alguns dos líderes do país, continua "improvável" — como diria Aldous Huxley. Através das "improbabilidades", porém, os brasileiros vão desenvolvendo uma civilização que lhes é própria. E revelam já um estilo nacional de comportamento que é, com as suas contradições, a expressão de um caráter nacional.

Diversidade Regional

pernambucanos

mineiros

gaúchos

cariocas

paulistas